

ANO LITÚRGICO: EPIFANIA DO MISTÉRIO PASCAL

Frei Davi Maria Santos, O. Carm¹

Introdução

O Ano Litúrgico manifesta continuamente os Mistérios de Jesus Cristo, organizando e distribuindo ao longo de 365 dias através de diversas celebrações. Nele, além das solenidades do Senhor, também se encontram as festas Marianas, desde aquelas que remontam aos Padres da Igreja, até as festas que foram sendo acrescentadas no decorrer dos séculos; também a memória dos apóstolos, mártires, pastores e virgens, dentre outras. Assim, “a Liturgia, com efeito, faz a história da salvação preenchendo todo o tempo do Mistério de Cristo” (Marsili, 2010, p. 597). Por isso, todas as celebrações ao longo do Ano litúrgico encontram sentido e razão de ser num evento fundamental da história da salvação: a Páscoa de Jesus Cristo.

O Ano Litúrgico foi sendo desenvolvido com o decorrer dos séculos e, com o passar do tempo a Igreja foi realizando acréscimos e atualizações a sua estrutura, verdadeiros desdobramentos do Mistério Pascal, que enriquecessem a vida espiritual do corpo místico do Senhor. Desse modo, o Ano Litúrgico é apresentado como uma grande e continua manifestação dos Mistérios de Jesus Cristo celebrado no hoje eclesial que acentua um determinado aspecto da vida terrena do Senhor. Mesmo que o Ano Litúrgico seja a junção de “vários” tempos (Advento/Natal; Quaresma/Páscoa e Tempo Comum), nele encontramos a unicidade da fé da Igreja que nasce sempre da experiência com o Ressuscitado. Por isso, “todo o Ano Litúrgico não é senão um único Mistério uniforme” (Casel, 2009, p. 91) que se manifesta e é celebrado ao decorrer de um ciclo temporal.

Nos primeiros séculos do cristianismo os Padres da Igreja “beberam” do Mistério Pascal do Senhor para assim melhor guiarem o povo que lhes era confiado. A celebração da Páscoa, para os primeiros cristãos é sempre motivo de alegria e júbilo interior e exterior. A festa da Páscoa nos primórdios do cristianismo era essencial, como em nossos dias ainda é, pelo fato de que aqueles que pediam o Batismo e eram iniciados nos demais sacramentos podiam experimentar a vida nova da comunidade do Ressuscitado. Essa vida nova pode ser observada na eucologia litúrgica e nas homilias dos Padres primeiro milênio. Como podemos perceber o Ano Litúrgico

¹ Natural do Ceará. Frade professo na Ordem dos Carmelitas desde 2017. Membro da Província Carmelitana Pernambucana. Licenciado em Filosofia pela FAFICA de Caruaru e graduando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Membro da Associação dos Liturgistas do Brasil, da Academia Marial de Aparecida e do Instituto de Espiritualidade Tito Brandsma.

é o tempo da celebração do Mistério Pascal gestado no seio da Igreja pela vivência do povo sacerdotal desde suas origens.

No Ano Litúrgico não encontramos uma simples sucessão de tempos, mas sobretudo um itinerário espiritual de encontro com o Senhor por meio de seus Mistérios celebrados. Embora possuindo uma característica pedagógica, esse não é o fim a que deseja chegar o Ano Litúrgico. Antes, ele busca corroborar com nossa cristificação, isto é, tornar todos os cristãos em verdadeiros discípulos de Jesus Cristo. Podemos assim afirmar que “o Ano Litúrgico é o Mistério de Cristo” (Casel, 2009, p. 88) que se presentifica em cada Liturgia. Assim,

Uniformizar a nossa vida ao Mistério Pascal ou ser transformados pelos Mistérios celebrados deve ser entendido não somente no nível psicológico, afetivo, intelectual ou ético, mas também no nível ontológico-mistério. Em cada ação litúrgica, específica e singular, Cristo Ressuscitado, com o poder do seu Espírito, nos con-figura a ele [...] (Augé, 2019, p. 347).

Por isso, o Ano Litúrgico é constituído por uma dimensão profundamente mistagógica, ou seja, os Mistérios celebrados em cada Tempo que o compõem nos fazem adentrar naquilo que é a Páscoa, isto é, a grande manifestação do amor de Deus pela humanidade, por meio do Filho Jesus Cristo.

1- Desenvolvimento histórico e espiritual do Ano Litúrgico

A expressão “Ano Litúrgico” é bem recente se compararmos com o desenvolvimento que tiveram os tempos que o compõem. Essa expressão é fruto de um cuidado pastoral. Em meados do século XIX, com o advento do Movimento Patrístico, estudiosos “redescobrem” os Padres da Igreja, e ainda no mesmo século o Movimento Litúrgico se dedica ao estudo puro e fiel das fontes da Liturgia, iluminados pelos estudos dos Padres da Igreja e da Sagrada Escritura.

No século XVI, na Alemanha, aparece o termo “Ano da Igreja” ou “Ano eclesiástico”, essa expressão é ainda utilizada entre os católicos alemães para acentuar uma dimensão eclesial do Ano Litúrgico. No século seguinte, na França, encontramos “Ano Cristão” em um breve comentário. No século XVIII, em Florença é publicado uma obra contendo as epístolas e os Evangelhos como o nome de “Ano Espiritual”. O Beneditino Pius Parsch em 1923 publica uma obra intitulada de “*Ano da Salvação*” e em 1934 encontramos o termo “Ano do Senhor” (cf. Augé, 2019, p. 23).

Assim, a expressão “Ano Litúrgico” é usada pela primeira vez por outro Beneditino, Próspero Guéranger, reformador da Abadia de Solesmes, do canto gregoriano e precursor do Movimento Litúrgico. Em sua obra de nove volumes, Guéranger chama de Ano Litúrgico a união das celebrações dos Mistérios de Jesus Cristo. Encontramos ainda uma unidade celebrativa das festas cristãs como um tempo sagrado, assim, “o Ano Litúrgico deve ser considerado como uma autêntica Liturgia, ou seja, o conjunto dos momentos salvíficos, celebrados ritualmente pela Igreja, mediante a Eucaristia que é memorial dos acontecimentos do Mistério da Salvação realizados na história” (Cordeiro, 2014, p. 102).

Nos primeiros séculos do cristianismo a Eucaristia era celebrada nas casas e o Domingo era o dia principal para esta celebração. A Igreja tornava-se visível a partir do testemunho dos primeiros cristãos e de seus encontros semanais para a escuta da Palavra e partir o Pão. O Domingo torna-se o coração da nova comunidade e é conhecido como, “o primeiro dia da semana; o oitavo dia; o dia que fez o Senhor; o dia sem ocaso; o dia do Senhor; o dia da Ressurreição; o dia do sol; o dia dos sacramentos; o dia da alegria e o dia da assembleia” (Cordeiro, 2012, p. 58). O Domingo é o primeiro dia da recriação em Jesus Cristo.

Tamanha era a importância do Domingo na vida cristã que ao serem martirizados, no século III os cristãos africanos de Abitina, exclamam que não poderiam viver sem o Domingo (cf. Antologia Litúrgica, 2012, p. 582). Esse testemunho indica a centralidade da Páscoa semanal na experiência de fé daqueles que seguem ao Ressuscitado. Também indica como a Liturgia deve ser encarnada comprometendo a vida da comunidade eclesial com a causa do Reino. Por isso, “a Liturgia é a Igreja em oração. E porque é o ‘sacramento de unidade’, as ações litúrgicas pertencem a todo o corpo da Igreja, é aberta a todos os homens. É sobretudo na Liturgia que o Mistério da Igreja se manifesta sob a forma de anúncio e é experimentado” (Cordeiro, 2012, p. 22) pela comunidade dos batizados.

O Ano Litúrgico, como expressão celebrativa-temporal do Mistério de Cristo na vida da Igreja, possui importância para a vida de caminhada eclesial pelo fato de que nele se celebra o hoje de Deus, ou seja, no decorrer das celebrações que compõem a celebração do Mistério Pascal, a salvação é presentificada para a comunidade sacerdotal, profética e régia. Deste modo, a assembleia celebra na Liturgia a atualidade do Mistério de Jesus Cristo.

Com o decorrer dos séculos o Ano Litúrgico foi sendo desenvolvido e se estruturando. De fato, ele não nasceu pronto, mas, de acordo com a necessidade eclesial e com aquilo que o Espírito de Deus foi suscitando à Igreja, a celebração da Páscoa dominical foi se desdobrando e foram sendo feitos acréscimos consideráveis para o desenvolvimento do que hoje chamamos

de Ano Litúrgico. Duas coisas foram levadas em consideração para o seu desenvolvimento: a glória de Deus e a salvação de seu povo. Visto que,

Todo o ano litúrgico não é senão um único Mistério uniforme. Ele encontra seu cume no Mistério por excelência que é o *sacramentum paschale*², o Mistério da Páscoa, cujo domingo nos traz a memória e comemoração. Ele é a renovação mística e a aplicação aos fiéis da redenção que culmina com o sacrifício da cruz e a transfiguração da Igreja, resultado da divina Ressurreição (Casel, 2009, p. 91).

Efetivamente, a necessidade de uma melhor preparação para a celebração da Páscoa anual e para o Natal deu origem aos tempos litúrgicos que chamamos de Quaresma e Advento. O sentido desses tempos se encontra no fato de que comportam em si uma pedagogia mistagógica de preparação para os dois tempos litúrgicos que os sucedem e se tornaram como as colunas do Ano Litúrgico.

A Quaresma como preparação para a Páscoa surge entre o final do século III e início do IV, em terras egípcias, como um jejum de quarenta dias. Afirmo Matias Augé que, esse “jejum não era tanto a preparação da Páscoa, mas *týpos* do jejum de Jesus no deserto nas semanas sucessivas ao seu Batismo” (2019, p. 155). Contudo, tornou-se uma preparação para a Páscoa anual, juntamente com outros exercícios piedosos tal com a *statio*³, ou a penitência pública a que era submetido alguém que praticou algum delito.

Duas celebrações acabam ganhando um destaque no tempo quaresmal: a Quarta-Feira de Cinzas e o Domingo de Ramos. Com o início da penitência pública os que eram considerados culpados em pecado grave cobriam-se de veste penitenciais e colocavam cinzas na cabeça. Esse foi o início da Quarta-Feira de Cinzas. Como o fim da penitência pública essa prática adquire um sentido mais espiritual e em 1091, no Sínodo de Benevento, o Papa Urbano II estende esse costume a todas as Igrejas do rito latino (cf. Adam, 2019, p. 72). O Domingo de Ramos, ou Domingo da Paixão do Senhor, ocupa um lugar de destaque na celebração da Quaresma. Este dia marca o início da chamada Grande Semana, ou Semana Santa, muito embora a Quaresma só termine na Quinta-Feira Santa antes das vésperas quando se inicia o Tríduo Pascal.

Fenômeno similar aconteceu com o Advento, que também apresenta os primeiros indícios de surgimento por volta do século IV. É preciso lembrar que nestes séculos iniciais as celebrações do Advento, Natal e Epifania exprimiam uma mesma realidade: a vinda do Filho

² Sacramento da Páscoa.

³ *Statio*: lugar de parada. Ação litúrgica realizada em forma de procissão de uma igreja para outra.

de Deus que se manifesta na carne humana (cf. Augé, 2019, p. 233). Enquanto forma de se celebrar, hoje se diferenciam: o Advento é um tempo de preparação para o Natal que é a celebração da encarnação do Verbo e a Epifania conclui o Tempo Natalino.

O Advento não é, num primeiro momento, um tempo penitencial na perspectiva do retorno do Senhor para o juízo, e sim a celebração da Encarnação. Somente a partir disso, é também espera da Parusia. A celebração do Nascimento de Jesus para o encontro definitivo com ele. A primeira vinda de Jesus inicia o processo que a segunda e definitiva vinda consumirá (Augé, 2019, p. 236).

Nesse contexto, a Epifania, se caracteriza como a celebração de sua manifestação ao mundo. Com o decorrer dos séculos a festa da Epifania acaba possuindo uma data própria, dentro do ciclo natalino. Neste mesmo dia são anunciadas as festas e solenidades do calendário litúrgico para aquele corrente ano, fazendo assim um paralelo com o acontecimento da Epifania do Senhor aos pastores e reis magos, quando Jesus Cristo é manifestado e revelado as nações.

O Tempo Comum é fruto do Concílio Vaticano II. Composto por 34 domingos, esse é o maior tempo do Ano Litúrgico, que se divide em duas partes. A primeira, logo após o Tempo Natalino, e a segunda, do término do Tempo Pascal até o início do Advento. O Tempo Comum é a grande escola do discipulado pascal do Ressuscitado.

O Ano Litúrgico, segundo o Beneditino Salvatori Marsili, possui quatro pilares em sua espiritualidade. A espiritualidade litúrgica é cristocêntrica, pascal, bíblica e sacramental (cf. 2010, p. 693-701). Contudo, para uma boa vivência se faz necessário, ainda segundo Augusto Bergamini (1994, p. 164-166), a união com Cristo e o contato salvífico com sua humanidade, assim como a comunhão com o Mistério da Igreja, corpo místico do Senhor.

2- A epifania do Mistério Pascal nos Padres da Igreja

A Páscoa na Sagrada Escritura está intimamente ligada a experiência do povo de Deus. Inicialmente era uma festa primaveril e depois passou a ser interligada com a noite que o Senhor passou no Egito exterminando as casas que não estavam ungidas com o sangue do cordeiro (cf. Bíblia [...], Êxodo 12, 23-27). Pelo capítulo 12 do Êxodo sabemos que a “Páscoa é Deus que passa” (Bergamini, 1994, p. 248). Assim, na celebração pascal do Antigo Testamento se firmam dois aspectos que fazem parte do conteúdo deste evento: a imolação/manducação do cordeiro e a saída do Egito (cf. Bergamini, 1994, p. 248). Uma outra característica podemos que encontrar é que este sacrifício não era realizado por sacerdotes e sim por “leigos”, visto que essa era uma

celebração doméstica e neste dia “a Páscoa significava o dia em que o povo era elevado à dignidade sacerdotal” (Bergamini, 1994, p. 250).

No Novo Testamento a palavra Mistério é utilizada para designar a revelação da salvação em Jesus Cristo. Com frequência nas cartas paulinas e deuteropaulinas encontramos a terminologia *Mysterion* em Romanos 16, 25; Colossenses 2, 2; 4, 3; Efésios 3, 4; 6, 19 e 1 Timóteo 3, 16, entre outras (cf. Bíblia [...], 2002). A doutrina do apóstolo dos gentios a respeito do Mistério aponta que, “Mistério é a vontade divina e o seu desígnio de Salvação, cujas linhas se recorrem e se centram em Cristo. Este desígnio, escondido em Deus desde a eternidade, foi plenamente manifesto em Cristo, que confiou o anúncio oficial aos apóstolos” (Augé, 2019, p. 58) e estes últimos o confiaram à Igreja.

No judaísmo a palavra Páscoa era sinônimo de cordeiro pascal, por isso a expressão “imolar/comer a Páscoa” (cf. Bíblia [...], 2002, Mt 26, 27; Mc 14, 12; Jo 18, 28). Ficando assim claro uma ligação profunda da Páscoa judaica com o sofrimento. A partir de tal leitura é que a Páscoa cristã se torna *transitus per passionem*, ou seja, passagem pela paixão, ligando profundamente a paixão, morte e Ressurreição do Senhor numa só celebração e num só Mistério (cf. Bergamini, 1994, p. 315-316).

Já no século I, Fílon de Alexandria afirma que “a festa da Páscoa significa a purificação da alma” (2015, p. 85). A expressão Mistério Pascal aparecerá nos séculos II e III, nas homilias do bispo Melitão de Sardes e um outro autor chamado pseudo-Hipólito. Trata-se de obras litúrgicas. Aqui, temos um indício de ligação entre as celebrações litúrgicas e o Mistério Pascal. Seria possível também se estabelecer já nesse período uma conexão entre o Mistério Pascal e o tempo do desenrolar das ações litúrgicas, partindo-se da compreensão de que a Liturgia e o Ano Litúrgico são uma contínua manifestação deste Mistério?

Melitão de Sardes, no epílogo de sua obra, põem nos lábios do Senhor estas palavras: “recebei a remissão dos pecados. Eu sou, de fato, a vossa remissão; eu sou a Páscoa da Salvação” (2009, p. 60). Para Melitão de Sardes, o Mistério Pascal é novo e antigo, eterno e contemporâneo, mortal e imortal (cf. Augé, 2019, p. 63). O Mistério Pascal é o próprio Cristo. Afirma o bispo de Sardes, “estas e muitas outras coisas foram anunciadas por vários profetas a respeito do Mistério da Páscoa que é Cristo, a quem seja a glória através dos tempos. Amém”⁴ (Melitão de Sardes, 2009, p. 46). O Mistério da Páscoa para ele também consistia na unidade dos dois Testamentos: “a imolação da ovelha, a celebração da Páscoa e a escritura da Lei

⁴ Tradução nossa da obra “*Il più antichi testi pasquali della Chiesa*”, organizada do Raniero Cantalamessa.

tiveram a sua perfeita realização em Jesus Cristo; porque tudo o que acontecia na antiga Lei se referia a Ele, e, mais ainda, na ordem nova, para Ele tudo converge” (Sardes, 2015, p. 161).

A obra de Pseudo-Hipólito também consiste num conjunto de homilias. Ele trata de discorrer em versos, como em uma poesia, aquilo que é o Mistério Pascal.

Ó mística alegria universal! Ó festa espiritual! Ó Páscoa divina!
Dos céus tu desce a terra e da terra tu ascende novamente aos céus!
Ó sagrada festa comum de todas as coisas! Ó solenidade de todo o cosmo!
Ó alegria do universo, sua honra, festa e deleite! Por ti a morte sombria
foi destruída e a vida se espalha por todos os seres (...) Ó Páscoa, luz da
nova festa, esplendor virginal da iniciação! Para ti as lâmpadas das almas
já não se apagam, mas divinamente o fogo espiritual da graça flui através
de todos, nutrido pelo Espírito Santo e pelo óleo de Cristo (Pseudo-
Hipólito, 2009, p. 97-98).

Com o hino ao Cristo-Páscoa, podemos perceber no epílogo de sua obra como a Páscoa é apresentada como uma festa universal que une todo o cosmo, abrindo as portas do céu e destruindo a morte espiritual. Entre muitas outras coisas este hino afirma que a Páscoa é o esplendor virginal daqueles que são iniciados, ou seja, daqueles que tendo percorrido o itinerário mistagógico de iniciação, na grande Noite da Ressurreição celebram os sacramentos próprios de entrada na vida eclesial, isto é, são banhados (Batismo), perfumados (Crisma) e comem (Eucaristia) formando assim um só corpo místico, a Igreja.

Num sentido semelhante, Gregório de Nazianzo, no século IV afirma: “Páscoa excelsa, Páscoa sagrada, ponto culminante de tudo o que há no mundo [...]. Páscoa do Senhor, repito, em honra da Trindade. É para nós a festa das festas, a solenidade das solenidades” (2015, p. 578). A importância da Páscoa sobre as demais festas litúrgicas e seu lugar como centro do Ano Litúrgico se faz notar. Sobre a noite da Ressurreição Pascal, conhecida como Vigília Pascal, Astério, o sofista, no mesmo século, em uma homilia afirma: “Ó noite, mais esplendente que o dia. Ó noite, mais luminosa que o Sol. Ó noite, mais branca que a neve. Ó noite, mais brilhante que a seta. Ó noite, mais reluzente que a candeia. Ó noite, mais deliciosa que o Paraíso” (2015, p. 388). Esse modo de se referir seja ao Tríduo Pascal, seja a Vigília, seja ao Tempo Pascal (festa da Páscoa) se encontra em outros testemunhos no período que sucede. Neste mesmo século, um escrito de um autor desconhecido fala das quatro noites da libertação. A primeira, foi quando o Senhor criou o mundo. A segunda, quando aparece a Abraão. A terceira, manifesta seu poder no Egito libertando seu povo e a quarta noite, quando seu povo for libertado e o

mundo dissolvido. Essa “é a noite da Páscoa para o nome de Javé: noite fixada e reservada para a salvação de todas as gerações de Israel” (2015, p. 682).

Para Ambrósio de Milão, o mais elegante dos Padres, a Vigília Pascal é a mais perfeita catequese mistagógica que conduz os iniciados a adentrarem ao Mistério da Páscoa. Por isso, Ambrósio se pergunta e responde de imediato: “quem é o autor dos sacramentos⁵ senão Jesus Cristo? Foi do céu que vieram estes sacramentos, porque o desígnio é todo do céu” (2015, p. 609).

No século V, Agostinho exorta aqueles que lhe eram confiados a “celebrarem diariamente a Páscoa, meditando com assiduidade em todas estas coisas” (2015, p. 1073). Ainda mesmo século, o mistagogo, Cirilo de Alexandria, em uma de suas cartas ratifica: “a nossa jubilosa festa já faz resplandecer o seu brilho em toda a terra e mostra as suas claridades: nenhuma trevas, nenhuma nuvem deve opor-se aos que desejam celebrar dignamente esta festa” (2015, p. 1179). Leôncio de Constantinopla, no século VI, em uma homilia sobre o dia de Páscoa exulta: “Ó dia, que pôs termo à obscuridade da ignorância e fez conhecer a luz do conhecimento! Ó dia, que tornou vã a noite da Sinagoga e deixou entrever a aurora da Ressurreição!” (2015, p. 1425). Eutíquio de Constantinopla, ainda no século VI, diz que a Eucaristia é a Páscoa (cf. 2015, p. 1429).

Esses testemunhos do primeiro milênio do cristianismo indicam a relevância do evento Pascal como estruturante e central para a articulação do tempo e do Ano Litúrgico. Desse modo, os primeiros séculos da fé cristã nos mostram não apenas a profunda importância da Páscoa e as razões para a sua celebração, como também nos apontam toda a epifania do Mistério Pascal presente nas primeiras comunidades. Esta epifania é que ilumina e guia os passos da Igreja enquanto comunidade sacerdotal, profética e régia que celebra e procura viver deste Mistério. Para as comunidades dos primeiros séculos a vida espiritual devia caminhar na direção da Páscoa enquanto cume da vida eclesial e fonte do testemunho e do anúncio do Senhor que venceu as trevas da morte.

3- A epifania do Mistério Pascal na eucologia litúrgica de ontem e hoje

Para além do testemunho da patrística, a epifania do Mistério Pascal, pode ser percebida através da eucologia litúrgica recolhida dos formulários para as celebrações eucarísticas. Tanto as obras patrísticas quanto as eucologias litúrgicas possuem, muitas delas, mais ou menos a mesma datação. De modo geral, os textos eucológicos são um convite a comunidade dos

⁵ *Autor sacramentum*. Ambrósio será o primeiro Padre a utilizar essa afirmação a respeito de Jesus Cristo: o autor dos sacramentos. Também Agostinho a utilizará.

batizados a “mergulhar” na beleza do Mistério Pascal que é presentificado por meio da celebração. Os textos antigos que chegaram até os tempos atuais foram organizados entre séculos VII e VIII, atestam-nos a beleza da celebração Pascal da Ressurreição e, a partir da Páscoa, como todo o Ano Litúrgico é desenvolvido.

Datado do século VII, o Sacramentário Gelasiano nos apresenta o modo como era celebrada solenemente a Vigília Pascal, descrevendo cada um dos ministérios que estavam a serviço da Liturgia e algumas das orações que eram realizadas. O batismo que era oficializado pelo bispo e como em nossos dias, só acontecia depois do canto do Precônio Pascal e da Liturgia da Palavra. No mesmo Sacramentário estão prescritas ainda as Missas de todo o tempo Pascal (cf. 2015, p. 1562-1563). No século VIII, mais precisamente na primeira metade, o Missal de Bóbbio (cf. 2015, p. 1599-1600), traz uma sequência a ser seguida na celebração da Vigília Pascal. Do mesmo modo e no mesmo século o Missal Gótico (cf. 2015, p. 1600-1601) apresenta um modo de se celebrar o batismo na Vigília Pascal. Já na segunda metade do século VIII, encontramos no Sacramentário de Angoulême a oração que era feita pelo bispo por aqueles que seriam mergulhados nas águas da vida nova e inseridos no corpo místico do Senhor, a Igreja: “Senhor nosso Deus que, nesta noite, ao entrares nos Infernos, venceste a nossa morte com teu poder divino. Acolhe as humildes preces de tua família [...] faz com que se apresentem limpos, diante de Ti, aqueles a quem as águas sagradas do batismo lavaram das manchas antigas” (2015, p. 1669). No Sacramentário de Praga, também da segunda metade do século VIII, encontramos a seguinte oração que era realizada na Vigília Pascal, pedindo a benção para o lume/fogo novo:

Escuta-nos, Senhor nosso Deus, Pai todo-poderoso, luz indefectível e santíssimo Criador de todas as luzes. Abençoa, Senhor, este lume que por ti é santificado e abençoado. Tu iluminaste todo o mundo, para que sejamos iluminados pela luz da tua claridade. Tal como iluminaste Moisés com fogo, ilumina também os nossos corações e os nossos sentidos, para merecermos chegar à vida eterna (2015, p. 1671).

Nestas orações Pascas podemos perceber a epifania da grande manifestação do Mistério da Páscoa do Senhor e como esta celebração marcava profundamente a vida dos cristãos daqueles séculos. O fundamento desse tipo de oração é o fato de que “a nova e verdadeira Páscoa é Cristo imolado e ressuscitado” (Augé, 2019, p. 178). A certeza de que em Jesus Cristo todo o universo é recriado, fomenta uma eucologia onde a Páscoa é manifestação gloriosa da vida nova. A luz e claridade se apresentam como elementos simbólicos que indicam essa epifania Pascal. O Precônio Pascal, também chamado de Proclamação da Páscoa, hino que

consiste numa grande exultação e manifestação da Ressurreição, um cântico do povo novo, ressalta o que acima se afirma:

Exulte o céu, e os anjos triunfantes, mensageiros de Deus desçam cantando; façam soar trombetas fulgurantes, a vitória de um Rei anunciando. Alegra-se a terra amiga, que em meio a tantas luzes resplandece; e, vendo dissipar-se a treva antiga, ao sol do eterno Rei brilha e se aquece. Que a mãe Igreja alegre-se igualmente, erguendo as velas deste fogo novo, e escute, reboando de repente, o júbilo cantado pelo povo [...]. Pois eis agora a Páscoa, nossa festa, em que o real Cordeiro se imolou: marcando nossas portas, nossas almas, com seu divino sangue nos salvou [...] (Missal, 2023, p. 278-281).

Os cinco prefácios da Páscoa que encontramos na terceira edição típica do Missal Romano tornam manifesto o Mistério Pascal que envolve toda a vida Igreja e é assim o fundamento de todo Ano Litúrgico. No prefácio da Páscoa I, encontramos: “transbordando de alegria pascal, exulta a criação por toda a terra; também as Virtudes celestes e as Potestades angélicas proclamam um hino à vossa glória” (2023, p. 466). Este prefácio aponta a universalidade da Ressurreição que toca até mesmo a criação. Já no prefácio II rezamos e cremos que “por ele os filhos da luz nascem para a vida eterna” (2023, p. 467). O prefácio III nos diz que ele continua a oferecer-se por nós (cf. 2023, p. 468). Já o prefácio IV nos relembra que em Cristo nosso homem velho foi destruído e n’Ele nós somos renovados (cf. 2023, p. 469) e o prefácio V recorda à comunidade dos batizados que Cristo Jesus é sacerdote, altar e vítima que pela oblação da cruz leva à plenitude os antigos sacrifícios (cf. 2023, p. 470).

A anáfora Antioquena de Teodoro de Mopsuéstia, afirma no louvor que se “faz obrigatoriamente a menção do Espírito Santo” (2015, p. 1314). Esse e outros dados nos mostram o forte acento pneumatológico nas orações Pascais dos primeiros séculos. Esse acento nos confirma ainda mais que o Espírito Santo é o grande dom da Páscoa do Senhor. Na atual edição do Missal Romano, na celebração sétima semana do Tempo Pascal, a eucologia nos apresenta uma abundância de verbos que pedem ao Pai para que o Espírito venha, tal como o Senhor prometera (cf. Missal Romano, 2023, p. 365-371).

A eucologia dos Tempos do Advento e Quaresma, nos ajudam ainda a melhor nos preparar tanto para o Cristo Jesus que nascerá quanto para o mesmo Cristo que ressuscitará. É necessário lembrar que, mesmo as celebrações distintas marcam diferentes aspectos do Mistério da vida de Cristo eles não se separam, sem a Páscoa nenhum outro Tempo litúrgico faz sentido e possui razão de ser celebrado, visto que “a Páscoa é a festa da Igreja, novo povo de Deus (cf.

Ex 19, 5-6). Todo o Mistério da Igreja tem sua origem na Páscoa e encontra nela a sua força” (Augé, 2019, p. 181).

Esse breve itinerário histórico apresenta como o Mistério da Páscoa foi sendo manifestado por meio da eucologia como o alicerce da fé cristã através das celebrações e ao longo do Ano litúrgico, seja na celebração da Páscoa semanal, o Domingo, seja na celebração da Páscoa anual, Tríduo Pascal seguido do Tempo Pascal. O Ano Litúrgico é a grande epifania do Mistério Pascal porque se fundamenta neste Mistério e a partir dele traça um itinerário espiritual de transformação humana-espiritual. Ela se torna possível pelo fato de que Liturgia e vida não se separam: celebrar a vida nova em Jesus é celebrar a história renovada no amor que brota da cruz. Não há celebração litúrgica sem o chão da vida humana, como também não há celebração litúrgica sem o amor divino manifestado por Deus. Celebrar a Páscoa de Cristo na páscoa do seu povo é justamente isso. Assim, o Ano Litúrgico é epifania do Mistério Pascal.

Conclusão

O Ano Litúrgico custodia em si uma profunda riqueza que necessita em nossos dias ser ainda redescoberta para uma melhor e mais profunda celebração do Mistério Pascal e vivência da fé. Não se trata apenas de acompanhar fidedignamente datas religiosas que possuem fundamentação na Sagrada Escritura e na Tradição, antes, é preciso deixar-se ser formado pelos Mistérios do Senhor para manifestá-lo ao mundo sedento de Deus. Revisitar as fontes do Ano Litúrgico é uma oportunidade para redescobrir os fundamentos da vida de fé e da espiritualidade cristã. Também é uma oportunidade para ressignificar a caminhada eclesial a partir do seu centro gravitacional: Jesus Cristo, Homem-Deus, e seu Mistério Pascal de amor e doação para a salvação de todos.

Assim sendo, “o Ano Litúrgico é a estrutura que dá suporte a todo Mistério do culto cristão” (Augé, 2019, p. 336), isto é, as suas celebrações que provém da Páscoa, sua organização, assim como o rito e a eucologia de cada celebração, manifesta à Igreja o Mistério Pascal de Jesus Cristo, salvação da humanidade, visto que “a Liturgia, portanto, é celebração do Mistério Pascal mediante a Eucaristia e os sacramentos que são o centro da vida da Igreja” (Flores, 2006, p. 416). Por isso, todo o Ano Litúrgico, do começo ao fim, é um desvelar Pascal contínuo do Mistério de Jesus Cristo e uma escola de formação para a fé de todos os cristãos.

O Ano Litúrgico é a grande epifania do Mistério Pascal pelo fato de que não só seu fundamento é a Páscoa, como também para a Páscoa se encaminham nossas vidas e a partir da Páscoa somos renovados pelo Senhor e podemos anunciá-lo com o testemunho de vida. Assim viveram os primeiros cristãos, em especial aqueles que não conviveram pessoalmente com

Jesus Cristo de maneira histórica, como nós, deixaram-se eles serem plasmados pela celebração deste que é o maior e o centro de todos os Mistérios da fé cristã: a Ressurreição.

Viver cada Tempo que compõem o Ano Litúrgico, em atitude de fé e oração a cada sinal que o Espírito Santo nos concede é um dos meios mais eficazes para crescer na vida espiritual. Visto que, no Ano Litúrgico quem tudo realiza é sempre o Espírito de Deus que nos faz “mergulhar” nos Mistérios de Jesus Cristo.

Referências

- AMBRÓSIO de Milão. Livro IV. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 609-611.
- AUTOR desconhecido. Sobre a Páscoa. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 682.
- ADAM, Adolf. *O Ano Litúrgico: sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica*. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- AUGÉ, Matias. *Ano litúrgico: é o próprio Cristo presente na sua Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- AGOSTINHO de Hipona. Sermão 229. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1072-1073.
- ASTÉRIO, o sofista. Homilias sobre os salmos. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 388.
- BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da Igreja: ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CASEL, Dom Odo, OSB. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- CIRILO DE ALEXANDRIA. Cartas festais. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1179.
- CORDEIRO, Dom José Manuel Garcia. *Vademecum de Liturgia*. Lisboa: Paulus, 2012.
- CORDEIRO, Dom José Manuel. *Corações ao Alto: introdução à liturgia da igreja*. Lisboa: Paulus, 2014.
- EUTÍQUIO de Constantinopla. Páscoa e eucaristia. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1429.
- FLORES, Juan Javier. *Introdução à Teologia Litúrgica*. Trad: Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006.

FÍLON de Alexandria. Leis Especiais. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 84.

GREGÓRIO de Nazianzo. Sermão 45. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 577-578.

LEÔNCIO de Constantinopla. Homilias pascais. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1425.

MARSILI, Salvatore. *Sinais do Mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. Trad: José Afonso Beraldin da Silva. – 1. Ed. – São Paulo: Paulinas, 2009.

MELITÃO de Sardes. A Páscoa. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 16-163.

MELITÃO de Sardes. Sulla pasqua. In: CANTALAMESSA, Raniero (Org.). *I più antichi testi pasquali della chiesa*. Roma: Edizioni liturgiche, 2009. P. 60-62.

MISSAL ROMANO. Brasília: Edições CNBB, 2023.

MISSAL DE BÓBBIO. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1599.

MISSAL GÓTICO. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1600.

PSEUDO-HIPÓLITO. Sulla santa Pasqua. In: CANTALAMESSA, Raniero (Org.). *I più antichi testi Pasquali della chiesa*. Roma: Edizioni liturgiche, 2009. P. 97-98.

SACRAMENTÁRIO GELASIANO. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1555-1570.

SACRAMENTÁRIO DE ANGOULÊME. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1669-1670.

SACRAMENTÁRIO DE PRAGA. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1670-1671.

TEODORO de Mopsuéstia. Anáfora Antioquena. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. P. 1313-1315.